

Mídias alternativas VS Mídias tradicionais: as manifestações de junho de 2013

Marcos Reche Ávila¹

Resumo

Pretende-se neste trabalho descrever algumas diferenças das abordagens midiáticas realizadas em junho de 2013 sobre os acontecimentos relacionados com as manifestações em ruas de várias cidades brasileiras. Foram estudados recortes das coberturas feitos por veículos de jornalismo televisivos, impressos, de webjornalismo; e outras mídias que se propõem à comunicação em redes sociais. Estas últimas serão chamadas aqui de “mídias sociais”² – o conceito de mídia social utilizado aqui vem do marketing digital, ou seja, converge com o interesse neste artigo em apresentar uma definição deste conceito no campo da internet. Levam-se em conta duas angulações, de um lado a chamada “grande mídia” e de outro as “mídias sociais” e veículos jornalísticos alternativos. A “grande mídia”, de início, se fixou na cobertura dos atos de depredação de patrimônio público e privado por parte de manifestantes. As “mídias sociais” divulgaram e criaram releituras de materiais contrários, como fotos dos manifestos, mostrando o número majoritário de pessoas em passeatas pacíficas, diminuindo a generalização e categorizando, mesmo que superficialmente, os tipos de manifestantes. Finalmente enfatizamos que nos apoiamos em um conjunto de peças jornalísticas – matérias e reportagens – produzidas pela mídia tradicional e em fotos e vídeos produzidos pelas mídias sociais, para a realização desta reflexão.

Palavras-chave:

Midiatização; Acontecimento; Mídia.

¹ Graduando em Comunicação Social: Habilitação Jornalismo na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS e bolsista de Iniciação Científica CNPq – Projeto de Pesquisa “Afetações da midiática sobre o ofício jornalístico: ambiência, identidades, discursividades e processos interacionais”, coordenado pelo Prof. Dr. Antônio Fausto Neto.

² Cláudio Torres vê as mídias sociais como as que “permitem a criação e compartilhamento de informações e conteúdos pelas pessoas e para as pessoas”. São mídias transmissoras de informação de forma livre e aberta a colaboração e interação de todos (Torres: 2009).

Introdução

Há alguns anos, movimentos formados por centenas de pessoas tem ido às ruas exigir o passe livre nos transportes coletivos. Movimentos estes que ganharam muita visibilidade nas redes sociais e nas mídias tradicionais em eventos pontuais, e no mês de junho receberam o apoio de milhares de pessoas, que saíram às ruas para somar aos movimentos em todo o país. À medida que os protestos se tornavam maiores, eventos criados em redes sociais incitavam as pessoas à adesão a luta, mas agregavam particularidades: pautas diversas começaram a surgir. ‘Gritos de guerra’ como ‘o gigante acordou’ entoaram as manifestações virtuais e físicas. Ativistas reforçaram a onda de indignação generalizada com os serviços públicos do país e colocaram em pauta reivindicações contra leis específicas em processo de votação pelo poder legislativo. As ruas passaram a ‘abrigar’ uma massa³ de milhares em marcha, mas com propósitos próprios, que não necessariamente convergiam uns com os outros.

As manifestações foram expressas em palavras, ‘pixos’, cartazes e depredações. O universo de expressões foi grande e não foi homogêneo. Os movimentos pelo passe livre nos transportes públicos tentaram manter a liderança de alguma forma, mas apenas parte dos manifestantes esteve nas ruas por esta causa. Muitos agiam seguindo seu próprio entendimento sobre o que deveria ser pautado como, problemas na área da saúde, educação, a chamada ‘lei da cura gay’, etc. Havia quem clamasse pelo fim da corrupção, expressando fisicamente com cartazes ou em ciberativismo nas redes sociais – as redes sociais são alguns exemplos desta prática.

Surgiu, em meio a esta onda de protestos, um grupo não liderado e autointitulado Black Bloc, cujas mídias tradicionais optaram por não dar-lhe muita visibilidade e os integrantes passaram a ser chamados de vândalos ou mascarados. Este último não era um grupo institucionalizado como um movimento social convencional e não pretendia ser visto como tal. Atuaram como um bloco. Vestiam roupas pretas para impactar e vendavam o rosto com lenços ou camisetas para não serem identificados. Os manifestantes que formaram o ‘Black Bloc’ foram os que se expressaram através de depredações, como a quebra de portas de vidro das agências bancárias, e ‘pixos’ –

³ Aqui é expresso o termo segundo a ideia de Elias Canetti sobre massa aberta: não se sabe o quanto pode crescer; não tem uma medida; deseja crescer até o infinito e precisa de mais e mais pessoas para isto (Canetti: 1995).

pichações. No decorrer do texto, dentro do recorte trazido aqui sobre a cobertura da mídia Ninja, o repórter traz um dos atos como simbolismo. Isto destoa das demais coberturas que os trataram como vândalos.

Dado o fenômeno, as mídias⁴ começaram a noticiar os acontecimentos que o envolviam e todos os indivíduos da sociedade se informam de alguma forma. Significa dizer que as mídias auxiliam na construção das realidades sociais. Sabendo disto, é necessário o entendimento da relação dos ‘atores sociais’ – neste caso são todos os cidadãos da nação - com as mídias. Alsina desenvolve uma importante reflexão a respeito, onde toda a atividade discursiva pressupõe a produção de interpretações na construção do que se enuncia. Todas as pessoas constroem a realidade do que as cerca, porém o jornalista constrói a realidade pública do dia-a-dia. Cada sistema cultural define que fato ou fenômeno merece ser considerado um acontecimento. As empresas jornalísticas transformam os acontecimentos em notícias, quando adquirem valor para isto (Alsina: 2009).

É preciso entender que vivemos em uma sociedade midiaticizada, ou seja, os difusores de informação não são apenas “transportadores” das informações dos atores sociais envolvidos em um acontecimento. Antônio Fausto Neto define o trabalho da midiaticização como gerador de ‘fluxos de interações de natureza técnico-discursiva’ e sempre afetam os ‘campos sociais’ e os ‘atores sociais’ envolvidos nestes campos. O foco da promoção destes fluxos de interação está na cultura, nas lógicas e operações enunciativas inseridas na sociedade. Os mediadores constroem as formas de organização e funcionamento. Definem, ainda, as condições de acesso e consumo dos indivíduos. A midiaticização é, também, o processo de auto-operações que transforma o enunciado no próprio acontecimento e é utilizado em diversos setores da prática social, produzindo diferentes consequências em cada um deles (Fausto Neto: 2009).

É de conhecimento também que a imprensa - ou a mídia - se baseia em agendamentos para produzir notícias. A seleção de objetos e enquadramentos nos dizem o que pensar e como pensar sobre o acontecimento (McCombs e Shaw: 1993, apud Traquina: 2001). Estes conceitos foram fundamentais para mostrar a importância desta análise.

⁴ Somos habituados a ver o dispositivo midiático – aparelho de tv, rádio, pc (personal computer), etc. – como o disseminador do acontecimento. McLuhan recupera este conceito de diferentes formas e aponta qualquer meio como a mensagem em si. Isto porque a forma como o meio é utilizado define a produção das mensagens (McLuhan: 2007).

Isto porque além das questões já muito discutidas sobre este tipo de análise e inerentes ao ofício do jornalismo, surgiram novas modalidades de recursos técnico-discursivos jornalísticos. As redes sociais são algumas destas proponentes.

Neste artigo será analisado o trabalho jornalístico e construtor de realidades sociais de três mídias. Uma destas mídias jornalísticas novas ganhou muita força durante as manifestações de rua: a mídia Ninja (Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação), cujas narrativas utilizadas por cada profissional são independentes. As outras duas mídias são tradicionais e legitimadas pelo seu trabalho há muito tempo, a Folha de São Paulo (FSP) e o Jornal Nacional (JN). Isto a fim de enxergarmos pelo menos uma pequena fração do panorama da midiáticação jornalística no Brasil.

Todo o material utilizado para a análise foi coletado a partir de vídeos gravados e textos impressos ou digitais recuperados pós-data de publicação. Devido ao espaço e o fôlego possíveis para este trabalho, o universo de materiais analisados se resume as publicações e transmissões nestes veículos sobre os protestos ocorridos na cidade de São Paulo, a maior cidade do país, onde as manifestações foram muito intensas. Dentro dos materiais publicados sobre as manifestações em São Paulo, foi necessário o foco em cima da data 17 de junho, escolhida por ser o primeiro dia que centenas de milhares de pessoas foram às ruas na capital paulista.

A FSP e o ápice das manifestações

O jornal usa técnicas narrativas sobre as manifestações de forma diferenciada no periódico distribuído no dia 18 de junho, em relação às publicações anteriores. Isto, porque no dia anterior, 17 de junho, as manifestações atingiram o ‘pico’ da massificação dos protestos de rua, vistos no ano de 2013. A complexidade vista até então tomou uma dimensão difícil de mensurar e a Folha, assim como as demais ‘mídias tradicionais’, tentou englobar a maior gama possível de acontecimentos julgados com valor notícia pelo grupo jornalístico.

A chamada da maior matéria da capa tenta centralizar tudo em uma generalização. Isto possibilitou a tentativa de universalizar as problemáticas dos fatos em questão e ainda apontou para o que tendenciava ser o fato mais importante nos acontecimentos: *“Milhares vão às ruas ‘contra tudo’; grupos atingem palácios”*. A chamada é

fortalecida por três linhas de apoio. Na primeira linha o jornalista – escritor do texto – faz uma referência a outro movimento massivo ocorrido no Brasil: *“Manifestação no Brasil é a maior desde o ‘Fora, Collor’(1992)”*.

A segunda linha evidencia uma nova fonte de estatísticas oficiais, não mais baseada em especulações – mesmo que oficiais – da polícia ou do MPL. As estatísticas oficializadas são amostragens elaboradas pelo grupo Folha, através do Datafolha: *“Em SP, mais de 65 mil protestam, diz Datafolha”*.

A última linha de apoio reforça o que o grupo editorial do jornal tendência como o foco central, mesmo que genérico, das manifestações: *“Assembleia do Rio é atacada e sede do governo paulista sofre tentativa de invasão”*.

O texto inicia com apontamentos sobre campos de protestos, desde genéricos como corrupção, até pontuais como gastos para a promoção da copa do mundo de futebol no Brasil. Ao terminar estes apontamentos, mudam a narrativa com relação aos protestos contra os políticos e os qualificam como alvos: *“Políticos também foram alvos, como a presidente Dilma (PT), os governadores Alckmin (PSDB-SP) e Cabral (PMDB-RJ) e o prefeito Haddad (PT-SP)”*. Segue, reforçando a referência e comparação ao caso do impeachment de Collor e depois o editorial se volta à divisão dos manifestantes entre pacíficos e vândalos.

JN: ‘boa noite’ de congestionamentos e medo

A âncora Patrícia Poeta abriu as reportagens sobre as manifestações com a seguinte cabeça de matéria: *“E os nossos repórteres acompanham o início das manifestações de hoje em um dos lugares mais movimentados da cidade”*. As primeiras imagens foram meramente ilustrativas, com concentrações de pessoas e caminhadas (imagem1). Contudo, havia a narração da repórter Calda Modena, em ‘off’ – não estava presente nas imagens -, e o foco era a concentração no Largo da Batata.

Foram mostradas imagens, logo depois, de estabelecimentos comerciais do largo sendo fechados e a narração seguiu: *“Com medo de novos confrontos entre manifestantes e policiais, parte dos comerciantes fechou as portas [imagem2]”*. Na sequência, uma comerciante é entrevistada: *“Precaução, né!? O jeito é fechar as porta [s] da loja. [Por] Que [a gente] não sabe o que vai acontecer, né!?”*.

A repórter volta a narrar e descrever imagens: *“A Estação Faria Lima de Metrô foi cercada por placas de metal para evitar depredações, mas o clima era outro. Policiais chegaram desarmados para acompanhar a manifestação e deram sinais de que buscariam o diálogo”*. O policial entrevistado declara: *“O que a gente pode dizer pra vocês hoje é que graças a Deus vai ser tudo na paz”*. Se segue a narração da repórter, com novas questões abordadas: *“Um grupo protestou contra bandeiras do PSTU [imagem3]”*. Imagens mostraram pessoas gritando: *“Sem partido!”*.

A partir deste momento é feita a enunciação da divisão da manifestação em duas concentrações, onde um jornalista cobre cada concentração. O repórter Jean Raupp é o primeiro a entrar na reportagem e diz: *“São seis e meia da tarde e está é a Marginal Pinheiros, completamente fechada pelos manifestantes. A gente não consegue mais ver o começo da passeata e nem o fim dela (...) [imagem 4]”*. Entra então o repórter Fábio Turce: *“Uma parte dos manifestantes seguiu aqui pela Faria Lima, um importante corredor de ligação entre a zona oeste e a zona sul e no caminho esta multidão surpreendeu muita gente que passava por aqui (...)”*.

A última reportagem foi narrada ao vivo do helicóptero da Globo, por César Galvão: *“Por enquanto o protesto, apesar de ter muita gente nele, é tranquila [o] (...) eles estão na Avenida Luís Carlos Berrini (...) A gente vê uma outra multidão seguindo aí em direção a ponte (...) a ponte está tomada nos dois sentidos”*. Todos os repórteres pautaram o congestionamento como principal fato. Galvão trouxe ainda: *“Um outro bloco tomou a Avenida Paulista (...) tomaram os dois sentidos da Avenida Paulista (...) a gente percebeu que foi uma surpresa para os motoristas (...) neste momento um outro grupo ocupa a Avenida 23 de maio (...) este grupo para praticamente o trânsito (...)”*. O repórter reporta um último bloco de forma diferente, com outro foco: *“Um outro grupo que saiu do Largo da Batata (...) eles seguiram a Avenida Luís Carlos Perrini, que fica muito perto da Tv Globo, e neste caminho foram gritando palavras de ordem contra a Tv Globo”*. A observação do repórter é feita do alto, de dentro do helicóptero.

Imagem 1



screenshot do portal <http://g1.globo.com/jornal-nacional/>

Imagem 2



screenshot do portal <http://g1.globo.com/jornal-nacional/>

Imagem 3



screenshot do portal <http://g1.globo.com/jornal-nacional/>

Imagem 4



screenshot do portal <http://g1.globo.com/jornal-nacional/>

‘Arte ninja’: jornalismo em redes sociais

A mídia Ninja se articula nas redes sociais. Posta fotos e textos no Facebook e transmite vídeos ao vivo, normalmente longos, via TwitCasting - ferramenta de streaming do Twitter. A análise do material veiculado pela mídia Ninja foi dividido em dois subconjuntos: 1) material veiculado via página “NINJA” no Facebook; 2) material transmitido via perfil de sua parceira, a Pós Tv, no TwitCasting.

Curtindo e compartilhando

Dia 17 de junho foram feitas postagens que direcionavam ao fato dos protestos terem se massificado: *“Milhares de pessoas ocupam o Largo da Batata, em São Paulo, nesse momento durante a concentração do 5º Ato contra o aumento da tarifa de transporte coletivo. [imagem 5]”*.

Outra postagem mostrou a massa de pessoas envolvidas em uma caminhada por uma das principais avenidas de São Paulo e o primeiro parágrafo trouxe o seguinte: *“Marginal Pinheiros, uma das maiores avenidas de São Paulo, tomada por milhares de manifestantes nesse exato momento.”*. O texto possuía dois parágrafos e o segundo trouxe uma contextualização sobre o acontecimento: *“Esse é o quinto grande ato contra o aumento da tarifa do transporte público na capital e faz parte de uma série de outros protestos que ocorrem hoje no país. [imagem 6]”*.

No mesmo dia, o post foi feito com a intenção de mostrar outro ângulo sobre a “tomada” da Marginal Pinheiros por uma grande massa de pessoas: *“São Paulo, Brasil. Marginal Pinheiros recebe milhares de manifestantes no quinto ato contra o aumento da tarifa do transporte coletivo na capital Paulista [imagem 7].”*. Muitas postagens são voltadas as imagens mostradas, complementando a narrativa feita pelas próprias fotos. Esta postagem é um exemplo: *“Ponte Estaiada, São Paulo. Milhares vão as ruas nessa segunda-feira por todo país [imagem 8].”*.

Imagem 5



Foto: Mídia NINJA

Imagem 6



Foto: Mídia NINJA

Imagem 7



Foto: Mídia NINJA

Imagem 8



Foto: Mídia NINJA

A rua em tempo real

Dado o espaço disponível no artigo será descrito abaixo fragmentos da transmissão. Dois vídeos foram analisados, por estarem gravados e disponíveis no TwitCasting da Pós Tv. O primeiro vídeo da Mídia Ninja foi transmitido no dia 18 de junho, por isto foi inevitável mudar a data de análise em comparação aos outros materiais anteriores.

No primeiro vídeo, o “Phillipex” - como assina o autor dos vídeos e a conta atualmente foi modificada de PósTv para Phillipex - está na Avenida Paulista e busca informações com as pessoas que estão assistindo sua transmissão ao vivo e comentando na página do TwitCasting. É possível aí existir uma comunicação, no sentido da troca de diálogos, e em tempo real - apenas coloco isto como observação sobre as afetações e a circulação, mas este trabalho não se atém a este tipo de análise.

Os vídeos podem durar até 30 min. É o caso dos dois vídeos analisados. Portanto, apenas frações dos vídeos foram coletadas. Phillipex considera boatos as informações recebidas das pessoas que o assistem - esta informação está na descrição de seu perfil do TwitCasting -, porém ele resolve apurar uma informação que lê ao mesmo tempo em que transmite ao vivo: *“Cara, Augusta. É isto. (...) Acabou de rolar o boato de que os mano[s] tão saqueando e quebrando e agora tão subindo a Augusta [imagem 9]”*. Enquanto não chega a Avenida Paulista, continua gravando e após passar mais de 4min de vídeo ele se apresenta, faz um panorama sobre a manifestação e passa um pouco do que acontece no local: *“Estamos aqui, pegando o fim da manifestação (...) andando pelas ruas (...) a manifestação se dividiu em dois focos, não é mesmo!? Aqui na*

Paulista uma frente mais festiva e pelo centro (...) uns atos de vandalismo: a galera pichando a prefeitura, incendiando um carro da Record, saqueando (...)”. Percebe-se que são identificados dois focos nas manifestações, pela visão de quem reporta.

O repórter para e filma com calma o que chama de intervenção. O ato é feito por um homem paralisado como uma estátua e com as mãos para o alto. Escorado nele há uma faixa de papelão e está escrito: “Mãos ao alto! 3,20 é um assalto [imagem 10]”.

Phillipex engancha com uma notícia que dita sobre uma reunião organizada por Haddad para baixar o valor da passagem. Depois de ir a Avenida Augusta, o repórter volta a Avenida Paulista, continua filmando, diz que não havia mais nada sobre o que qualifica como atos de vandalismo e opina o seguinte: *“Aliás muito duvidosa a participação destes manifestantes, de quem são, de como que se forma isto, porque o próprio movimento aqui não sabe ou ao menos não tem um posicionamento oficial ainda sobre estes atos (...)*”. Há duas questões aqui: 1) o repórter não diz que movimento está à frente das manifestações, porém os vídeos têm uma sequência e são feitos com um trabalho de transmídia, ou seja, em momentos do vídeo ele cita o Movimento Passe Livre, assim como o movimento é citado em outras plataformas midiáticas; 2) fica claro que ainda não se tinha conhecimento nenhum – pelo menos o repórter não sabia – sobre os Black Blocs.

As narrações do repórter são peculiares, comparando as narrativas das mídias tradicionais. Porém, logo a seguir, Phillipex argumenta sobre o que vê: *“Aqui na Paulista, uma ação que foi muito mais tranquila. Prezou por trazer as pautas de uma forma positiva, sem depredar (...)*”. A mudança nos padrões de narrativa fica evidente quando resolve não só argumentar – o que já é uma mudança nos padrões -, mas dá “luz” a existência histórica da violência em movimentos e a transparência sobre a complexidade dos fatos - o que até então não ocorreu –: *“Embora a gente reconheça que também as manifestações populares envolvam saques, envolvam um pouco de uma atuação mais agressiva. A gente ainda tá entendendo, esperando ainda uma apuração mais precisa pra saber do que se trata (...)*”.

Outro vídeo feito no mesmo dia, com mais de 32min de duração, acompanha a depredação de um objeto da Coca-Cola, que funcionava como intervenção cultural na rua e que o repórter – que não se identifica neste vídeo - denomina como painel. Os

manifestantes presentes tentam quebrar o objeto, mas quando percebem que não é possível, começam a promover tentativas de incendiá-lo (imagem 11).

O ‘ninja’ filma todo o ato sem sair do local e por volta dos 10min de vídeo aparecem imagens de manifestantes, em coro, gritando palavras de baixo calão contra a Fifa (imagem 12). O repórter vai narrando outras questões envolvidas secundariamente ao ato, como uma manifestante que reclama do ato; a chegada, ao longe, do batalhão de choque da PM; e a percepção do próprio “ninja” de que há manifestantes chamando os integrantes do batalhão para o enfrentamento.

Aos 15min de vídeo o repórter acompanha policiais batendo em um manifestante e age de maneira, também fora dos padrões convencionais: *“Apanhou irmão? Filmei. Filmei. [imagem 13]”*. Logo após, acompanha viaturas da polícia em alta velocidade: *“Um verdadeiro espetáculo de agressividade (...) indo pra todos os cantos, os policiais, em busca dos manifestantes aqui na consolação (...) derrapando, fazendo um verdadeiro show de pilotagem [imagem 14]”*.

Aos 26min, de volta ao local onde o objeto de intervenção cultural da Coca-Cola esta em chamas, o ‘ninja’ ouve um dos manifestantes e aproveita para fazer uma auto-afirmação. Logo depois, ainda na mesma narração, descreve o que entende sobre o ato: *“A mídia aqui é colaborativa, a galera indicando os melhores planos [de filmagem] desta que é uma conquista da manifestação, simbolicamente uma tomada de poder. Cai, na Avenida Paulista, o monumento da Fifa (...)”*. Em seguida explica e descreve outro ato paralelo: *“Enquanto que automaticamente catadores de latinhas já recolhem todas as latinhas que caem do monumento (...)”*. Finaliza esta enunciação com uma palavra que usa pra qualificar o que vê: *“Surreal”*. Narra e filma ainda aplausos pelo ato. Descreve, também, moradores em suas residências prediais que declaram apoio a ação.

A última enunciação que faz é a respeito de algo inesperado, mas que narra com o mesmo tom que os outros acontecimentos do vídeo: *“Gritos de deixa queimar (...) não tem jeito os dois extintores começam a apagar (...) [imagem 15]”*. O ‘ninja’ resolve entrevistar as pessoas que apagaram o fogo e um deles responde: *“Nós viemos pra protestar e não pra fazer vandalismo (...)”*. Contudo, em seguida, o entrevistado diz: *“Tem que tirar todas as latinhas, não tem que deixar a Coca-Cola fazer propaganda não (...)”*. O vídeo é finalizado pouco depois.

Imagem 9



screenshot do TwitCasting da Pós Tv/ Phillipex

Imagem 10



screenshot do TwitCasting da Pós Tv/ Phillipex

Imagem 11



screenshot do TwitCasting da Pós Tv/ Phillipex

Imagem 12



screenshot do TwitCasting da Pós Tv/ Phillipex

Imagem 13



screenshot do TwitCasting da Pós Tv/ Phillipex

Imagem 14



screenshot do TwitCasting da Pós Tv/ Phillipex

Imagem 15



screenshot do TwitCasting da Pós Tv/ Phillipex

Notas conclusivas

Fica evidenciado, como em outros tantos trabalhos elaborados na área a respeito, que a transmissão de informações é uma difusão, ou seja, tem uma ‘mão única’. As empresas jornalísticas se organizam, se agendam e transformam fatos em acontecimentos. Posteriormente, após um ‘refinamento’, através da visão editorial, convergida com a visão do repórter, o acontecimento sofre recortes e este universo se torna muito menor do que o universo encontrado no local do acontecimento.

Estes recortes possuem uma narração e toda a estrutura que envolve esta narração, do cunho ideológico ao técnico. Portanto são os recortes que irão propiciar valor ao formato que se propõem, no caso analisado, o jornalístico. Tornam-se, então, uma notícia, ou seja, ganham valor notícia. Por consequência, afetará todos os indivíduos ‘mídiatizados’ envolvidos como receptores das mensagens de determinada mídia. Significa que a construção da realidade promovida por mídias jornalísticas ressignifica a realidade pública de quem é mídiatizado e a circulação e afetações giram entorno do que é projetado por estas mídias.

Neste novo cenário de mídias alternativas, como as mídias sociais, que não seguem o modelo tradicional do mercado jornalístico, possuem contato e interesses diferenciados das mídias tradicionais, com relação aos acontecimentos e os atores sociais envolvidos com os acontecimentos.

A cultura, importante índice da realidade social de cada indivíduo, afeta o olhar tanto de quem compõem o corpo empresarial e editorial de uma empresa jornalística, quanto o olhar dos profissionais da área.

Fora do corpo de análise, mas algo que possui grande relevância a se destacar neste momento do trabalho é um vídeo do JN promovido para a auto-afirmação do jornal, exibido no dia 17 de junho. Este vídeo é uma resposta a não aceitação da presença dos profissionais da Rede Globo dentro das manifestações e do desprezo por parte de ativistas em redes sociais ao trabalho da emissora – o caso das redes sociais tornou tão relevante quanto o das manifestações, por causa da influência tecnológica que tiveram sobre as manifestações, ou seja, são manifestantes em um campo virtual ‘conversando’ com manifestantes em um campo físico. Faço aqui um resgate da narrativa deste vídeo para elucidar melhor a situação - a enunciação é narrada por Patrícia Poeta -: “A Tv

Globo vem fazendo reportagens sobre as manifestações desde o seu início e sem nada a esconder; os excessos da polícia, as reivindicações do Movimento Passe Livre, o caráter pacífico dos protestos e, quando houve, depredações e destruição de ônibus. É nossa obrigação e dela nós não nos afastaremos. O direito de protestar e se manifestar pacificamente é um direito dos cidadãos”. Além de perceptível como auto-afirmação, é, também, destoante do agendamento dos fatos recortados dos acontecimentos, onde as depredações sempre tiveram mais valor notícia e conseqüentemente mais espaço no telejornal. Há também uma segunda afirmação, a Rede Globo, através de sua porta-voz, Patrícia Poeta, deslegitima manifestações que não sejam pacíficas. Este último detalhe da enunciação desconsidera parte dos manifestantes, os desqualificando como tais.

Não foi possível trazer uma análise mais densa a este respeito, mas, dentro das notícias promovidas pela emissora alguns dias mais tarde a data de 17 de junho, os manifestantes que faziam uso da violência passaram não apenas a ser considerados vândalos, como também pessoas infiltradas nas manifestações, qualificadas e categorizadas pela mediação do telejornal – o que significa que a própria emissora passa a ser a fonte oficial e legitimadora do que é e o que não é manifestação. No entanto é notória, também, que as mídias sociais e alternativas, representadas aqui pela mídia Ninja, possuem um cunho contrário a idealizada pela mídia tradicional. Desconsideram os padrões instituídos que dão voz as fontes oficiais - normalmente baseados na procura de quem responde por determinada instituição.

Fora do universo trabalhado aqui, em outros períodos dos mesmos protestos ocorridos em junho, nota-se que as fontes oficiais são atores sociais envolvidos diretamente no acontecimento, a exemplo dos policiais em exercício nas manifestações. As vozes mais ouvidas são as dos próprios manifestantes e das pessoas que colaboram em algum nível com a narração da notícia. Este último é o caso de quem acompanha o perfil da Pós Tv no TwitCasting, mesmo com suas informações sendo consideradas boatos.

Referências bibliográficas

- ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.
- CANETTI, Elias. **Massa e poder**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- FAUSTO NETO, Antonio. Enunciação mediática e suas “zonas de pregnância”. In:
- FOLHA DE SÃO PAULO, São Paulo, 18 de junho de 2013, versão digital. Disponível em <<http://edicaodigital.folha.com.br/home.aspx>>. Acesso em: 18 de set. 2013.
- MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensores do homem**. São Paulo: Cultrix, 2007.
- TORRES, Cláudio. **A bíblia do marketing digital** tudo o que você queria saber sobre marketing e publicidade na internet e não tinha a quem perguntar. São Paulo: Novatec Editora, 2009.
- TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001.
- VELÁZQUEZ, Teresa. **Fronteras**. 1. ed. Buenos Aires: La Crujía, 2009. p.105-115.
- “TV Globo Faz Reportagens Sobre Manifestações Desde O Início.” *Jornal Nacional*. Acesso em: 22 ago. 2013. <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2013/06/tv-globo-faz-reportagens-sobre-manifestacoes-desde-o-inicio.html>.
- “Multidão Ocupa Largo Da Batata (SP) Em Manifestação Sem Confronto.” *Jornal Nacional*. Acesso em: 22 ago. 2013. <http://g1.globo.com/jornalnacional/noticia/2013/06/multidao-ocupa-largo-da-batata-sp-em-manifestacao-sem-confronto.html>.
- “6º Ato Passe Livre SP - pt1 - TwitCasting (twitcam).” Acesso em: 23 ago. 2013. http://twitcasting.tv/m_phillipex7/movie/14323073.
- “6º Ato Passe Livre SP - pt3 - TwitCasting (twitcam).” Acesso em: 22 ago. 2013. http://twitcasting.tv/m_phillipex7/movie/14323928.